

PROGRAMA DE TUTORIA NAI E A INCLUSÃO NA UNIVERSIDADE

EMILY LOPES CAETANO¹;
RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – emilycaetano@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rita.cossio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Quando abordamos a questão da inclusão de estudantes com necessidades especiais no Ensino Superior, é importante destacar que, mesmo sendo este o período de formação de futuros profissionais aptos a trabalhar no que mais se identificam e se constituir em direito garantido pela legislação, podemos perceber o quão devagar está sendo o processo de inclusão destes acadêmicos nas universidades.. Isso revela que embora o acesso e ingresso sejam garantidos, ainda necessitamos avançar em termos de permanência e qualidade da formação oportunizada (FURLAN e RIBEIRO, 2015; MELO 2013).

A presença de acadêmicos com deficiência ou com autismo nos cursos de graduação tem possibilitado o surgimento de diferentes realidades em sala de aula. Alunos com deficiência intelectual, por exemplo, estão entre os estudantes que enfrentam maiores desafios em seu percurso acadêmico.

Com este trabalho visou socializar minhas experiências como tutora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI junto a uma acadêmica com deficiência, cujas tutorias realizadas vêm contribuindo nos processos de aprendizagem da mesma. Entre os apoios desenvolvidos da tutoria este relato refere-se ao apoio para a compreensão dos conteúdos trabalhados pelos professores em sala de aula, e o acompanhamento a acadêmica em um projeto de ensino desenvolvido em uma disciplina do curso. (EMERENCIANO, SOUSA e FREITAS, 2001).

2. METODOLOGIA

No período de 2018/01 fui selecionada pelo NAI para compor a nova equipe de tutores, os quais realizam tutorias acadêmicas com estudantes de nossa universidade com alguma deficiência ou com autismo. Estes acadêmicos possuem vínculo com o NAI, recebendo atendimento pedagógico, tutorias acadêmicas, acompanhamento semestral, dentre outros.

A aluna com a qual fui designada para atuação era ingressante no curso de graduação, e para além dos desafios da deficiência apresentada, ela também tinha que enfrentar uma carga horária excessiva de estudos e de aulas, bem como se deparar com as novas responsabilidades que a vida acadêmica nos impõe.

Minhas responsabilidades com ela enquanto tutora foram ajudá-la com questões como horários de estudo, organização do material, auxílio no entendimento do conteúdo por meio de materiais didáticos feitos por mim. Nossos encontros para estudos aconteciam numa sala cedida por uma docente do curso da acadêmica em tutoria, espaço bem preparado para o desenvolvimento satisfatório da tutoria.

Durante os nossos primeiros encontros nos reunimos para que eu pudesse analisar aonde precisaria começar a abordar com ela o conteúdo de sala de aula,

para que assim elaborasse um plano de aula e materiais didáticos pertinentes. A disciplina que a estudante tinha mais dificuldade se tratava de uma das cadeiras mais importantes no curso, em razão disto, optamos por priorizá-la, tendo em vista a dificuldade que ela apresentava no entendimento do conteúdo por ser uma matéria muito abstrata.

Para buscar mais embasamento procurei a professora Dra. Rita Cossio, coordenadora do NAI, e expliquei as dificuldades encontradas, tendo em vista que eu também estava aprendendo este conteúdo. A professora me auxiliou, complementando minha formação nesta área, e assim, pude, não apenas ajudar a acadêmica em tutoria, como também avançar em minha própria aprendizagem, organizando recursos didáticos adaptados, criados como elementos de mediação para a compreensão dos conceitos.

Criei então peças em material EVA, para que pudesse tornar o processo de aprendizagem mais lúdico, e facilitar o entendimento do que estava sendo proposto, conforme demonstrados nas figuras abaixo:

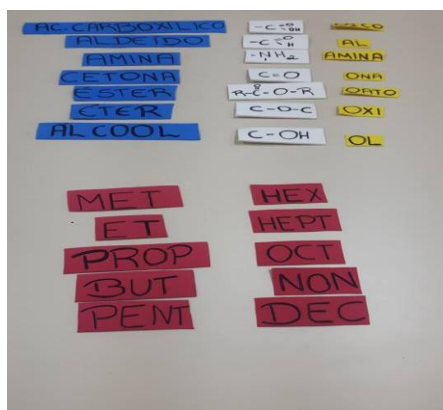


Figura 1: Material criado pela tutora



Figura 2: Material criado pela tutora

Pode-se perceber a importância da confecção desses materiais em EVA, para o entendimento do conteúdo ministrado, sendo uma ferramenta facilitadora para a compreensão do que foi abordado.

Após a confecção dos materiais, nos reunimos para realização dos exercícios propostos pelo professor, e estudos para as provas, apoiados nos recursos elaborados e na transposição didática pretendida. Nestes encontros revisávamos a matéria, retomávamos as maiores dificuldades, avaliávamos a adequação dos recursos para a compreensão dos conteúdos, mas também conversávamos sobre as demais questões da vida universitária e da vida pessoal, que julgamos importantes para o sentimento de pertencimento que todo aluno universitario precisa construir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inclusão de alunos com deficiência e com autismo têm se tornado uma realidade cada vez mais presente no Ensino Superior, dada a implementação da política de cotas para ingresso de pessoa com deficiência, a partir dos processos seletivos de 2017/02. Mas não somente o ingresso é algo com o qual precisamos nos preocupar, mas principalmente com a permanência e o sucesso dos mesmos, o que ainda causa inquietações, uma vez que a Universidade não se encontra

completamente capacitada para o processo de inclusão (CASTANHO e FREITAS, 2011). Nas palavras de Pacheco e Costas,

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino superior requer medidas que facilitem e auxiliem a concretização desse processo, como: formação continuada de professores, produção e adequação de recursos pedagógicos, assessoria psicopedagógica, adaptação do currículo, bem como a reflexão de todos os envolvidos no processo educativo. Torna-se necessário a criação de comissões ou núcleos na própria instituição responsáveis pelo desenvolvimento de ações que propiciem a inclusão. (2006, p.157)

Para isso se faz necessário a atuação de tutores bolsistas que auxiliem esses alunos no processo de inclusão, tornando-os ainda mais capazes de compreender os conteúdos que estão sendo ministrados pelos professores e superar as barreiras pedagógicas que possam emergir.

O processo da tutoria é muito importante, tanto na vida do tutor, quanto do acadêmico em tutoria, já que se torna uma troca de aprendizagem muito gratificante. Assim como o crescimento intelectual e emocional de ambos também se faz presente, pois nos auxilia a nos tornarmos menos tímidos, mais capazes de trocar o conhecimento adquirido em sala de aula, e de compreender as dificuldades que muitas vezes se fazem presente entre os alunos com algum limite intelectual, ou não.

4. CONCLUSÕES

Para mim a possibilidade de ter ingressado como tutora bolsista do NAI proporcionou um contato mais direto com a inclusão, fato que tem sido recompensador, e que me fez ver a Universidade de uma maneira diferente, como um local onde a diversidade de pessoas se faz presente, mas que ainda está muito longe de garantir a inclusão de fato de todas e de todos. Ainda estamos no caminho, temos muito o que percorrer até poder dizer que estamos sendo uma instituição que faz a inclusão do aluno com necessidade educacional especial.

Minha experiência como tutora vem oportunizando a construção de amizades, de trabalho conjunto, de vínculos acadêmicos e afetivos com minha acadêmica em tutoria, com meus colegas tutores e com a equipe do NAI. Também posso afirmar que tenho tido mais interesse pela área da inclusão, tanto nos estudos como nas práticas, e como futura professora pretendo levar tudo que venho aprendendo.

Outra contribuição do programa de tutorias do NAI se faz no sentido de sermos orientados, enquanto tutores, para a importância das mudanças de atitudes de todas e todos na universidade para com as pessoas com deficiência ou com autismo. Nosso compromisso com a eliminação das barreiras atitudinais será essencial para a conquista da inclusão (FURLAN e RIBEIRO, 2015; MELO 2013).

A acadêmica em tutoria conseguiu aprovação em quatro das seis disciplinas cursadas, algo que até mesmo entre os alunos que não apresentam nenhum tipo de dificuldade intelectual, ou nenhuma deficiência, já é difícil, comprovando assim a validade do programa de tutoria entre pares, instituído na UFPEL, através do projeto de ensino proposto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTANHO, D. M; FREITAS, S. N. **Inclusão e prática docente no ensino superior. Revista Educação Especial**, Santa Maria, p. 85-92, nov. 2011. ISSN 1984-686X. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4350>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

EMERENCIANO. M. S. J; SOUSA. C. A. L; FREITAS. L. G. **Ser Presença como Educador, Professor e Tutor**. Revista Digital da CVA - Ricesu, ISSN 1519-8529. Vol 1. n.1 2001

FURLAN, F; RIBEIRO, S. M. **O Processo de inclusão no ensino superior: Encontros e desencontros dos sujeitos que participam deste processo**. Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, [S.l.], v. 9, n. 16, p. 384-398, Dez. 2015. ISSN 2179-2534. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/3025>>.

Acesso em: 24 ago. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.19177/prppge.v9e162015384-398>.

MELO, F. R. L. V. de. **Inclusão no ensino superior: docência e necessidades educacionais**. Natal: EDUFRN, 2013.

PACHECO, R. V; COSTAS, F. A. T. **O processo de inclusão de acadêmicos com necessidades educacionais especiais na Universidade Federal de Santa Maria**. Revista Educação Especial, Santa Maria, p. 151-169, nov. 2011. ISSN 1984-686X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4360>>. Acesso em: 24 ago. 2018.